v. 34, n. 2, p. 86–102, 2026
ISSN: 2237-2083 · DOI: 10.17851/2237-2083.34.2.86–102
Submetido em: 10/09/2025 · Aprovado em: 11/06/2026

REVISTA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

Colorismo em metáfora: uma análise conceitual e ideológica da metáfora COLORISMO É PALETA DE CORES

Colorism in Metaphor: A Conceptual and Ideological Analysis of the Metaphor COLORISM IS A COLOR PALETTE

Cláudio Márcio do Carmo
Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ) | São João del-Rei | MG | BR
CNPq
claudius@ufsj.edu.br
https://orcid.org/0000-0002-0677-8302

Natália Elvira Sperandio
Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ) | São João del-Rei | MG | BR
CNPq
nataliasperandio@ufsj.edu.br
https://orcid.org/0000-0002-3912-1892

Resumo: Este trabalho teve a pretensão de refletir sobre o colorismo, também chamado de pigmentocracia, a partir da metáfora COLORISMO É PALETA DE CORES. Para tanto, assumiu-se a perspectiva teórica da metáfora multimodal, de maneira a prover insumo para problematizar o construto classificacional da sociedade brasileira baseado em cores e analisar os diferentes processos sociais nele envolvidos. Com isso em mente, buscaram-se, como arcabouço teórico, trabalhos que relacionam discurso e ideologia, em especial Hodge, Kress e Jones (1979), Fairclough (1989) e Bessa e Sato (2018), juntamente com Lakoff e Johnson (1980, 1999), Forceville (1996, 2008, 2009), Johnson (2017) e Sperandio (2019, 2020), para tratar das questões relacionadas à construção conceitual do termo Colorismo pelo viés cognitivo. A metodologia empregada se baseou na análise crítica dos referenciais teóricos, articulando conceitos oriundos da Linguística Cognitiva e dos estudos discursivos. A análise apontou para um sistema de relações humanas excludentes e para a necessidade de repensar as formas de avaliação humana de maneira respeitosa e, por isso, contrária às formas de discriminação e injustiça, que, ligadas a um preconceito histórico, relega grande parte da população à subalternidade, sendo um entrave para sua ascensão social.

Palavras-chave: colorismo; classificação social; metáfora multimodal.

Abstract: This work aimed to reflect on colorism, also called pigmentocracy, using the metaphor COLORISM IS A COLOR PALETTE. Assuming the theoretical perspective of

This work is licensed under the Creative Commons Attribution 4.0 International License. To view a copy of this license, visit http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/ or send a letter to Creative Commons, PO Box 1866, Mountain View, CA 94042, USA.

multimodal metaphor, it provides input to problematize the classification construct of Brazilian society based on colors and analyzes the different social processes involved. The theoretical framework relates discourse and ideology. In particular, it draws on the works of Hodge, Kress and Jones (1979), Fairclough (1989); Bessa and Sato (2018); Lakoff and Johnson (1980, 1999); Forceville (1996, 2008, 2009); Johnson (2017); and Sperandio (2019, 2020). These sources are used to address issues related to the conceitual construction of the term Colorism from a cognitive perspective. The methodology was based on a critical analysis of theoretical frameworks that articulated concepts from Cognitive Linguistics and Discourse Studies. The analysis revealed a system of exclusionary human relations and the necessity of rethinking forms of human evaluation in a respectful manner. This is contrary to forms of discrimination and injustice that are linked to historical prejudice and relegate a significant portion of the population to subalternity, thereby hindering their social advancement.

Keywords: colorism; social classification; multimodal metaphor.

1 Introdução

Este texto pretende fazer uma reflexão sobre o chamado colorismo como uma metáfora multimodal. A partir desse ponto de vista, pretendemos problematizar o construto classificacional da sociedade brasileira baseado em cores e analisar os diferentes processos sociais nele envolvidos.

Para tanto, valemo-nos, conjuntamente, da Semiótica Social (Hodge; Kress, 1988; Machin; Mayr, 2012) e da Teoria da Metáfora Multimodal (Charteris-Black, 2004; Forceville, 2008; Sperandio, 2019, 2020), bem como aspectos relevantes do que consubstancia o racismo e o colorismo na sociedade a partir, principalmente, de Hasenbalg (1979), Walker (1983), Munanga (1999), Bernardino (2002), Carneiro (2011), Devulsky (2021) e Oyěwùmí (2025), de forma a prosseguir com estudos, os quais procuram problematizar os construtos sociais, que são criados com base em aspectos cromáticos e pigmentocráticos (Silva, 2017; Francisco, 2018; Harris, 2021; Carmo, 2021).

Objetivamos, de forma estreita, perceber as relações e processos ideológicos envolvidos no sistema de classificação humano baseado em cores, partindo do pressuposto de que a metáfora do colorismo encapsula, dissemina e mantém um sistema de relações humanas excludente, que precisa ser revisto.

A perspectiva da metáfora multimodal nos parece importante para esclarecimento do que está por trás do elemento pigmentocrático da sociedade brasileira, podendo contribuir,

de forma arguta, para, com base na compreensão do fenômeno colorismo, problematizar esse construto em busca de uma sociedade mais justa para todos os segmentos sociais.

Para consecução de nossa proposta, dividimos o texto em quatro seções assim dispostas: "Nos domínios da Semiótica Social", abordagem a partir da qual se abre espaço para análise dos diferentes modos semióticos de construção dos textos, numa relação crítica entre linguagem e sociedade, bem como para os processos ideológicos nela envolvidos; "Nos domínios das metáforas multimodais", em que buscamos esclarecer um pequeno percurso sobre a metáfora, para chegarmos, especificamente, às metáforas multimodais, que são o objeto da presente análise; "Nos domínios do colorismo", dedicada ao tema em si a partir de diferentes prismas; e "COLORISMO É PALETA DE CORES: uma metáfora, muitos vieses", na qual analisamos o colorismo, sob o prisma metafórico, em textos multimodais. A essas seções, seguem as considerações finais e as referências.

2 Nos domínios da Semiótica Social

Uma questão, que sempre é levantada quando se trabalha com semiótica, diz respeito aos termos semiótica e semiologia. Como não é nosso objetivo tratar dessas distinções, assumiremos a posição geral proposta por Edgar e Sedgwick (2003, p. 296), de que "os termos 'semiótica' e 'semiologia' referem-se de semelhante forma à teoria dos signos, e, portanto, à forma pela qual um estudo de signos e sistemas de signos pode explicar problemas de significado e comunicação". Porém, de maneira mais específica, trabalharemos nos domínios da Semiótica Social em associação com os nove modos como um sistema de signos pode ser interpretado de acordo com Forceville (2009), o que será explicado na próxima seção. Assim, entenderemos semiótica como

> o estudo geral da *semiose*, dos processos e efeitos da produção, reprodução e circulação de significados em todas as formas, usados por todos os tipos de agentes da comunicação [levando em consideração] os significados socialmente construídos através de formas semióticas, textos semióticos e práticas semióticas de todos os tipos da sociedade humana em todos os períodos da história humana (Hodge; Kress, 1988, p. 261, grifo nosso).

A Semiótica Social nasceu com o objetivo de analisar os signos na sociedade, por isso busca estudar as trocas de mensagens no processo comunicacional. Para ela, a escolha dos signos e a construção dos discursos são socioculturalmente motivados e movidos por interesses específicos, representando porções do mundo em diferentes contextos sociais. Nesse sentido, podemos analisar uma "paisagem semiótica", ou seja, a forma ou o modo como um processo comunicacional se ambienta, se configura e se desenvolve (ver, para mais esclarecimentos, Kress e van Leeuwen, 2001, 2006). Conjugando a abordagem das metáforas multimodais com os princípios da Semiótica Social, pretendemos adentrar no universo da paisagem semiótica do colorismo no contexto brasileiro.

Como destacam Machin e Mayr (2012, p. 26),

> é importante perceber que discursos e ideologias não são simplesmente para serem encontrados em textos oficiais e da mídia. A semiótica social vê o indivíduo como

> envolvido em redes de relações sociais onde todos nós estamos comunicando, produzindo signos por meio de escolhas semióticas (Machin; Mayr, 2012, p. 26).

Nesse contexto, como explicam Bessa e Sato (2018, p. 125), a "ideologia [é o elemento que] estabelece sentidos e representações que trazem vantagens para grupos específicos, contribuindo para que surjam ou se sustentem as relações de poder". Assim, compreendendo os signos como socioculturalmente motivados, torna-se mister perceber a própria produção sígnica e de sentido como ideologicamente construída, tendo em vista que são materializações ideológicas, pois, como nos chama atenção Bakhtin (1988), refletem e refratam realidades. Nesse processo, visões de mundo são construídas numa arena nem sempre amistosa, mas envoltas em relações de poder e lutas hegemônicas, que orientam a produção dos textos e das mensagens neles contidas.

Para Hodge e Kress (1988, p. 5), "a mensagem tem direcionalidade — ela tem uma origem e uma meta, um contexto social e um objetivo", e muitas mensagens são construídas metaforicamente, especialmente quando da definição dos lugares e das relações sociais ou dos papéis sociais assumidos pelos indivíduos. Como já observaram Edgar e Sedgwick (2003, p. 241), "papel" deve ser entendido como "uma útil metáfora para as atividades sociais que os membros da sociedade assumem em sua vida diária". Resta-nos problematizar construtos desiguais, que compelem os indivíduos a subjugar outros, quando produzem realidades sociais injustas, mantidas por meio de recursos linguístico-discursivos e semióticos, que buscam naturalizá-las. Aqui, de forma específica, pretendemos adentrar no universo sociocultural e ideológico da metáfora COLORISMO É PALETA DE CORES.

Hodge, Kress e Jones (1979, p. 81), por exemplo, nos chamam atenção para o fato de as ideologias serem "conjuntos de ideias envolvidas no ordenamento da experiência, produzindo sentido no mundo" e pondo em destaque a relação entre linguagem e ideologia. Esse aspecto da ordenação da experiência, para nós, torna-se um elemento relevante de conexão com a metáfora. Para os autores, o estudo dos processos ideológicos requer um olhar para a linguagem, já que é por meio dela que as ideologias se tornam observáveis. Como os autores, nesse estudo, trabalham de forma específica com a linguagem verbal, cabe aqui, na nossa abordagem, a expansão para diferentes linguagens e, mais que isso, para os vários modos semióticos de construção dos textos em geral e das metáforas neles engendradas, conforme vimos delineando como aporte teórico para análise do fenômeno colorismo. A metáfora é fundamental na medida em que é uma produtiva forma de organização do pensamento, produzindo representações de mundo. Nesse sentido e como veremos na próxima seção, "a seleção dessas representações não é arbitrária; ela é guiada por aspectos culturalmente compartilhados e relevantes do domínio de origem, criando um ponto focal de significado que é então projetado no domínio alvo" (Khalifah; Zibin; Altakhaineh, 2026, p. 147).

Machin e Mayr (2012, p. 164) observam que "nós entendemos e experienciamos o mundo por meio de redes de metáforas culturalmente estabelecidas" ou, no dizer de Gee (1999, p. 69), "metáforas são uma rica fonte de modelos culturais"; logo, podem nos levar à compreensão de aspectos relevantes das construções de mundo e da própria organização social. Assim:

> As palavras e imagens que escolhemos são significativas em termos dos tipos de associações que elas produzem para nós. A semiótica social entende a comunica-

> ção como processo de seleção de recursos a partir de redes de opções disponíveis para produzir e interpretar textos (Roderick, 2016, p. 62).

A metáfora, como uma fonte de produção de sentido e experienciação, pode se dar tanto verbalmente quanto por outro modo semiótico; por isso, Fairclough (1989) pontua que qualquer aspecto da experiência pode ser representado de forma metafórica, sendo que essa representação é revestida ideologicamente. "A escolha da metáfora para descrever uma situação em um domínio particular constrói a estrutura desse domínio de uma maneira particular que difere dependendo da metáfora escolhida" (Croft; Cruse, 2004, p. 55). Ela, então, provê insumo para abordagem de diferentes perspectivas, que orientam sua produção e a própria construção do mundo.

3 Nos domínios das metáforas multimodais

Para compreendermos, de forma mais apropriada, a metáfora do colorismo, tomada como objeto de estudo neste trabalho, destinaremos esta seção aos estudos a ela dedicados, dando destaque às classificadas como multimodais. Estamos partindo do princípio de que essas metáforas, além de serem as responsáveis pela ativação e compreensão do domínio conceitual colorismo, acabam influenciando as ações e atitudes perante os sujeitos que possuem sua identidade atrelada à cor da sua pele e, com isso, as responsáveis por uma das formas de discriminação e por vários tipos de preconceito.

Como é de amplo conhecimento no contexto da Linguística Cognitiva, os estudos dedicados ao processo metafórico ganharam destaque por meio do trabalho seminal apresentado por Lakoff e Johnson (1980), com a proposição da Teoria da Metáfora Conceitual (TMC). Nessa proposta, a metáfora passa a ser concebida como imprescindível elemento presente na estruturação de nosso pensamento e de nossa ação, sendo concebida como uma maneira de experienciarmos e compreendermos um domínio conceitual por meio do outro. Desse modo, passamos a ter a notação DOMÍNIO-ALVO É DOMÍNIO-FONTE, presente na conceitualização de categorias resultantes desse tropo. Um significativo aspecto a ser considerado nesta proposta diz respeito ao fato de a mente ser inerentemente corporificada e a razão moldada pelo corpo (Lakoff; Johnson, 1999), o que coloca em xeque a proposta tradicional dos estudos filosóficos, em que se concebiam corpo e mente como elementos independentes na criação de nossas categorias. Para Forceville (2008), é devido a essa corporificação que nós, como seres humanos, somos capazes de categorizar mais facilmente os fenômenos que vemos, ouvimos, sentimos e saboreamos do que aqueles fenômenos ainda não experienciados por nós.

No entanto, apesar de ter colocado a metáfora como importante processo na construção das categorias que nos cercam e nos auxiliam em nossas vidas, a TMC focou apenas nas metáforas conceituais ativadas/construídas pelo modo verbal, deixando de lado as metáforas resultantes de outros modos semióticos, tais como o imagético. Seguindo a lógica traçada por Forceville (2008), se a TMC postula que não apenas falamos e escrevemos por meio das metáforas, mas pensamos metaforicamente, a metáfora não deve ser restrita apenas à linguagem verbal, estando presente, também, em outros modos semióticos promotores da comunicação humana, tais como nas imagens, nos sons, na música e nos gestos.

Essa posição, ainda, pode ser observada nas colocações de Johnson (2017), quando este afirma que, ao concebermos os significados como processos corporificados, isso nos permite irmos

além dos limites mais estreitos dos significados pautados na linguagem, para abarcarmos toda a gama de significado humano presente em práticas como música, pintura, arquitetura, dança e gestos, de forma que uma explicação fundamentalmente linguística não seria capaz de fazer.

Percebendo essa lacuna nos trabalhos com a metáfora, Forceville (2009), tendo como pilar a TMC, propõe uma pesquisa direcionada às denominadas metáforas multimodais. De acordo com o estudioso, Lakoff e Johnson, apesar de terem evitado as palavras verbal e linguística, direcionaram seus trabalhos especificamente para as metáforas detectáveis no plano verbal. Com essa postura, de acordo com Forceville (2008), deparamo-nos com duas situações perigosas: em primeiro lugar, teríamos um círculo vicioso, conduzindo-nos a um raciocínio circular, tendo como ponto de partida a análise linguística, que deduz algo sobre a mente e o corpo, os quais motivam aspectos diferentes da estrutura linguística e do comportamento; em segundo lugar, a possibilidade de não considerarmos as ocorrências das denominadas metáforas não verbais e multimodais.

No início de suas pesquisas, Forceville (1996) propôs um modelo para as metáforas visuais, sendo estas identificadas pela substituição de um elemento visual por outro. O autor, também, colocou em evidência o papel do contexto na interpretação dos anúncios tomados por ele como objeto de análise, destacando a importância dos aspectos externos-textuais, como o *background* cultural, o ambiente físico imediato de produção e o gênero. Nesse primeiro momento, Forceville (1996), tendo como objeto de estudo anúncios publicitários, conforme dito anteriormente, propôs quatro subtipos de metáforas visuais: 1) metáforas visuais com um termo visualmente apresentado, 2) metáforas visuais com os dois termos visualmente apresentados, 3) símiles visuais e 4) metáforas verbo-visuais.

Todavia, para o presente trabalho, o que nos interessa são os conceitos cunhados por Forceville em 2009, sendo estes os conceitos de modo, monomodalidade e multimodalidade no desenvolvimento do processo metafórico. Para o autor, devemos considerar o modo como um sistema de signos pode ser interpretado de acordo com um processo de percepção específico, estando relacionado aos cinco sentidos, o que nos possibilitaria os seguintes modos: 1) o modo pictórico ou visual, 2) o modo sonoro, 3) o modo olfativo, 4) o modo gustativo e 5) o modo tátil. No entanto, para o autor, esse tipo de divisão não seria o ideal, pois nos oferece uma categorização bruta, fazendo com que fossem agrupadas, no modo sonoro, por exemplo, a língua falada e a música, dentre outros sons não verbais. Diante disso, o pesquisador passa a trabalhar com nove tipos de modo, a saber: 1) signo pictórico, 2) signo escrito, 3) signo falado, 4) gestos, 5) sons, 6) música, 7) cheiro, 8) gosto e 9) toque. Ressaltamos que nossas análises terão como base esses nove tipos de modos apontados pelo autor.

Com isso em mente, e tendo como finalidade a promoção de nossas análises, faremos, a partir de agora, a definição das metáforas denominadas monomodais e multimodais. As metáforas monomodais são concebidas por Forceville (2009) como aquelas em que ambos os domínios, fonte e alvo, são construídos exclusivamente por um dos modos já apresentados. Para o autor, a metáfora monomodal prototípica é a verbal. É uma questão evidente, se direcionarmos o nosso olhar para as pesquisas desenvolvidas no campo da metáfora, já que grande parte dos trabalhos apresentados possui como objeto de análise textos codificados pelo/através do signo escrito. Entretanto, o autor destaca que, nos últimos anos, tem crescido o interesse pela metáfora monomodal visual, ou seja, aquela

metáfora em que ambos os domínios são ativados unicamente pelo signo pictórico. Nesse cenário, esse parece ser um caminho produtivo para uma visão semiótica abrangente do fenômeno colorismo.

Por outro lado, a metáfora multimodal é concebida por Forceville (2009) como possuindo domínios fonte e alvo representados *exclusivamente* ou *predominantemente* por diferentes modos. De acordo com o pesquisador, torna-se necessária a qualificação *exclusivamente* ou *predominantemente*, pois as metáforas não verbais, muitas das vezes, possuem alvos e/ou fontes representados por mais de um modo simultaneamente.

Gostaríamos de ressaltar que, com o acréscimo dos adjetivos *exclusivamente* ou *predominantemente*, Forceville (2009) promove uma mudança em sua classificação, já que, em seus trabalhos anteriores, o autor havia classificado as metáforas multimodais como aquelas em que seus domínios fonte e alvo eram representados por, ao menos, dois diferentes signos linguísticos, representando dois modos semióticos diferentes na construção do texto. Com a indicação desses adjetivos em sua classificação, as metáforas multimodais são concebidas como aquelas em que há o predomínio de um signo linguístico na construção de seus domínios.

Porém, como afirma Sperandio (2019, 2020), tal definição de metáfora multimodal deve ser repensada com o intuito de incluirmos a possibilidade de sobreposição dos diferentes signos linguísticos na construção e representação dos domínios fonte e alvo constitutivos de tal metáfora. Isso é, a metáfora multimodal deve ser vista como processo resultante das múltiplas semioses, que são coinstanciadas nos gêneros multimodais. A nosso ver, essa posição vai ao encontro dos postulados presentes na proposta da Semiótica Social e do conceito de multimodalidade. Cumpre destacarmos que essa proposição será a utilizada por nós nas análises desenvolvidas neste trabalho.

4 Nos domínios do colorismo

Cunhado para significar um sistema de distinção social ou de classe baseado na cor da pele, o termo "colorismo", ou "pigmentocracia", foi desenvolvido pela escritora, poetisa e ativista feminista estadunidense Alice Walker, em importante capítulo publicado em 1983. No sentido desenvolvido pela autora, o colorismo pode ser percebido como uma materialização ideológica das formas de exclusão social a partir da cor da pele, mais especificamente dos diferentes tons da pele, ancorado, sobretudo, na relação entre raça e cor da pele. Como nos chama atenção Oyěwùmí (2025, p. 28) ao criticar a visão ocidental do corpo, "a palavra 'corpo' [pode ser vista] de duas maneiras: primeiro, como uma metonímia para biologia e, depois, para chamar atenção para a pura fisicalidade que parece acompanhar o ser na cultura ocidental", como se bastasse olhar para ele para ter acesso às crenças e posições de uma determinada pessoa, ou mesmo a falta delas.

No contexto brasileiro, o colorismo está intimamente ligado, no que tange à mestiçagem, à manutenção do poder das elites e à consequente subordinação dos descendentes dos negros escravizados. Conforme esclarece Munanga (1999, p. 51):

> A pluralidade racial nascida do processo colonial representava, na cabeça dessa elite, uma ameaça e um grande obstáculo no caminho da construção de uma nação que se pensava

> branca, daí porque a raça tornou-se o eixo do grande debate nacional que se travava a partir do fim do século XIX e que repercutiu até meados do século XX (Munanga, 1999, p. 51).

Esse debate, de que nos fala Munanga (1999), teve, nos processos ideológicos e nas relações de poder, o êmbolo de tensões raciais da época, que repercutem ainda nos dias atuais, sobretudo quando os tons de pele são usados semioticamente como reprodutores do pensamento excludente e racista, que ecoa conflitos e continua sendo norteador de várias crenças, as quais teimam em dizer sobre quem tem ou não direitos a uma vida digna, à ocupação dos espaços de poder e à visibilidade, sempre retroalimentando as lutas por hegemonia. Como propõe Carmo (2026), foi gerada uma cognição social, como pensamento partilhado, na qual, muitas vezes, o preconceito e a discriminação são passados como algo natural, mesmo alicerçando e sustentando problemas graves, como a desigualdade social e racial.

Esse parece ser o principal motivo para que Francisco (2018) compreenda o colorismo como um mecanismo de segregação de pessoas negras, ao implicar a maneira como o racismo — como estrutura de poder — permite maior aproximação de alguns indivíduos com a branquidade. Isso significa maior participação na sociedade e maiores chances de ascensão social. Para tanto, quando se pensa no processo de branqueamento como também, metaforicamente, um processo de "higienização" da população brasileira, aos moldes evolucionistas e pós-abolicionistas, vemos como o mundo foi e ainda é norteado pelo o que as cores podem significar na sociedade, especialmente quando envolve poder, ideologia, crenças na superioridade e inferioridade das pessoas e o sistema econômico capitalista. Hasenbalg (1979, p. 240) observa:

> O branqueamento social corresponde à noção popular de que 'o dinheiro branqueia'. Essencialmente, ele ativa o mecanismo de compensação parcial de *status* através do qual as pessoas de cor bem-sucedidas em termos educacionais e econômicos são percebidas e tratadas como mais claras do que pessoas de aparência semelhante, mas de *status* inferior (Hasenbalg, 1979, p. 240).

É nesses termos que podemos compreender a razão de ser do termo pigmentocracia, que traz, dentro de si, a crença numa perspectiva classista, discriminatória e, por isso, excludente daqueles que destoam do suposto padrão europeu, que cria uma tensão no contexto brasileiro entre brancos e não brancos, nesses últimos, principalmente, em relação àqueles com cor da pele e características mais brancas e aqueles cuja cor e características são mormente de negros. Como define Harris (2021, p. 1):

> [...] a pigmentocracia traz consigo noções de valor hierárquico que os espectadores colocam em tais tons de pele. Tons de pele mais claros são, portanto, mais valorizados do que tons de pele mais escuros. Tais preferências têm implicações sociais, econômicas e políticas, já que pessoas de tons de pele mais claros eram frequentemente — e estereotipicamente — vistas como mais inteligentes, talentosas e socialmente graciosas do que suas contrapartes negras mais escuras. Negros mais escuros eram vistos como não atraentes, de fato feios e geralmente considerados

> de menor valor. Os padrões europeus de beleza dominaram [o] povo africano durante a maior parte do tempo (Harris, 2021, p. 1).

Por isso, no dizer de Munanga (1999, p. 96),

> [o] sonho de realizar um dia o 'passing' que neles [não brancos de características brancas] habita enfraquece o sentimento de solidariedade com os negros indisfarçáveis. Estes, por sua vez, interiorizam os preconceitos negativos contra eles forjados e projetam sua salvação na assimilação dos valores culturais do mundo branco dominante. Daí a alienação que dificulta a formação do sentimento de solidariedade necessário em qualquer processo de identificação e de identidade coletiva (Munanga, 1999, p. 96).

O racismo é corroborado especificamente na relação com o colorismo, da maneira como explica Silva (2017, p. 17):

> A problemática é real e vívida, contaminando os espaços, as relações, as formas de vida no geral. A lógica da branquitude permanece sob novas formas, é verdade, mas não é eliminada do meio social. Quanto mais o negro é indisfarçável, maior é a sua exclusão perante a sociedade. A questão racial é menor para o negro disfarçável que, podendo passar-se por branco, é mais tolerado, embora não seja menos discriminado (Silva, 2017, p. 17).

Popper (2004) ressalta que esse intrincado processo de construção de relações é fruto de uma ciência descomprometida com a "verdade", uma vez que as teorias raciais induziam o negro a ocupar uma posição inferior, constituindo um obstáculo ideológico de progresso da ciência. Ou seja, a própria ciência, ao se revestir de ideologias racistas, se tornou um obstáculo à ascensão do negro ao justificar a diminuição e exclusão do negro, fornecendo um argumento para a dominação branca.

O termo raça veio progressivamente caindo em desuso, especialmente no campo das ciências; contudo, ainda é largamente utilizado no cotidiano na sua relação com a cor da pele, como forma distintiva e discriminatória de negros e indígenas. A publicação de *Casa-grande & Senzala* (Freyre, 2006) trouxe uma perspectiva falaciosa do racismo, ao falar de um Brasil cordial e de uma democracia racial. Entretanto, como aponta Bernardino (2002, p. 251), "O mito da democracia racial não nasceu em 1933, com a publicação de *Casa-grande & Senzala*, mas ganhou, através dessa obra, sistematização e *status* científico".

Em relação ao colorismo, podemos estabelecer uma conexão tomando o pensamento de Carneiro (2011, p. 65), a partir do qual "vem desde os tempos da escravidão a manipulação da identidade do negro de pele clara como paradigma de um estágio mais avançado de ideal estético humano que todo negro de pele escura deveria perseguir [por meio de] diferentes mecanismos de embranquecimento".

Devulsky (2021) mostra que o colorismo é a ideologia que permite a reprodução do racismo e se baseia na existência de um fenótipo normalizado, que seria o fenótipo europeu, o que equivaleria a ser alto, claro e com traços arianos. Para ela, quanto mais próximo disso, maior a conexão com características como competência e beleza.

Retomando, então, o aspecto histórico, a partir de Munanga (1999), os brancos não hesitaram em manter relações sexuais com as mulheres negras, índias e mestiças; todavia,

não aceitavam os princípios de igualdade racial. Se num primeiro momento, no contexto colônia, a mestiçagem não indicava integração ou harmonia social, mas demonstrava duas facetas das relações raciais na forma de opressão, quais sejam, racial e sexual, cujos frutos, na forma dos filhos mestiços — como eram chamados os mulatos —, nasciam da violência e da exploração sexual da mulher escravizada pelo senhor branco.

5 COLORISMO É PALETA DE CORES: uma metáfora, muitos vieses

Nesta seção, dedicar-nos-emos à aplicação do arcabouço teórico citado. Para tanto, elegemos como objeto de análise o gênero charge. A escolha por esse gênero decorre do fato de sua função ter como propósito promover crítica social, política e comportamental de fatos cotidianos atuais, utilizando, para isso, o humor, a sátira e a ironia. Por outro lado, todos os textos foram extraídos de *sites* de livre acesso, o que impacta diretamente no processo de circulação e, consequentemente, no consumo massivo de seu conteúdo. Além disso, tal gênero tem em sua construção diferentes signos linguísticos, sendo conceitualizado como multimodal, o que nos possibilita promover uma análise, que ultrapassa a linguagem verbal.

No total, elencamos cinco imagens, que possuem como foco a representação do termo colorismo. A escolha por essas charges foi feita por meio do buscador do *Google*, que teve como palavras-chave: colorismo e charge. Após a escolha dessas charges, passamos às análises, tendo como base as teorias já apresentadas, iniciando com a identificação e a descrição das metáforas encontradas em cada gênero e com as suas explicações pautadas nas teorias discursivas descritas nas seções anteriores.

Assim, como forma de visualizarmos o que esboçamos sobre a metáfora multimodal e sua relevância para o estudo de processos sociais, apresentamos a imagem 1, em que é possível identificarmos a presença da metáfora monomodal pictórica COLORISMO É PALETA DE CORES. Essa metáfora tem ambos os domínios ativados e representados pelo signo pictórico (nesse caso, estamos considerando a cor inclusa nesse signo). Por meio dela, passamos a conceber o colorismo como uma paleta de cores, que se sustenta pelo tom da pele de cada personagem representada na imagem 1. Cumpre destacarmos que tal metáfora perpassa não apenas a construção de tal imagem, mas as demais charges, que serão analisadas adiante em relação ao próprio conceito de colorismo e, consequentemente, à discriminação racial dele resultante, já que a mesma incide diretamente na cor da pele.

Logo, essa metáfora monomodal nos possibilita observar a forma pela qual o colorismo é tratado em nossa sociedade ao apontar para uma forma ideológica excludente e tensiva de experienciação e construção de mundo. Não poderíamos deixar de nos indagar sobre o porquê da escolha de tal domínio-fonte. Ou seja, o porquê da escolha do termo *PALETA DE CORES* na conceitualização e representação de tal domínio conceitual, pois, como advoga Charteris-Black (2004, 2005), nossas escolhas, na construção do processo metafórico, não são aleatórias, o que nos leva a ficarmos atentos aos elementos e domínios conceituais eleitos na ativação e mapeamento desse tropo. No caso da metáfora monomodal em análise, verificamos que, ao trazermos a *PALETA DE CORES* como domínio-fonte, concebida como conjunto de cores pré-selecionadas, com o intuito de transmitir uma ideia para quem a visualiza, produzindo a identidade visual de algo, passamos a compreender, um pouco melhor, o preconceito que perpassa o termo colorismo. Ou seja, essa metáfora nos possibilita observar a forma pela qual a tona-

lidade da cor de um sujeito passa a ser decisiva em sua representação perante a sociedade e, com isso, nos demonstra como tal tonalidade dita os "lugares", e não privilégios para tal sujeito.

Essas questões podem ser confirmadas quando voltamos o nosso olhar para o contexto de produção da referida charge, a qual é construída pelas francesas Célia Amroune e Aline Kpade, artistas e ilustradoras que possuem como foco trabalhos os quais versam sobre feminilidade e sororidade. Para isso, suas ilustrações celebram a diversidade, amizade e conexão entre mulheres. Isso pode ser visto na imagem 1, na qual temos a representação dessas conexões, por meio da proximidade física entre as mulheres, o que sugere fortalecimento coletivo, afeto e acolhimento. O que nos chama atenção é que a metáfora COLORISMO É PALETA DE CORES se faz presente na representatividade social e feminina, ao destacar os diferentes tons de pele, os diferentes tipos de cabelos, assim como o toque no ombro, que, culturalmente, costuma substituir palavras, significando amparo e presença em momentos difíceis.

Imagem 1 – metáfora monomodal pictórica I



Ilustração das artistas francesas Aline e Célia (Foto: Reprodução/Instagram @sacree_frangine)

Fonte: Aline e Célia *apud* Geremias, 2021.

Nossa indagação passa a ser ratificada por meio da análise da charge representada na imagem 2. Nesta, é possível, mais uma vez, vislumbrarmos a presença da metáfora monomodal pictórica *COLORISMO É PALETA DE CORES*, já que, em sua construção, recorreu-se ao signo pictórico, em que temos, como plano de fundo, o contexto escolar, sendo este ativado pelas imagens do quadro negro, da professora, do globo em cima de sua mesa, pelos alunos (com seus uniformes padronizados), pelos livros e pelas maçãs nas mãos de dois dos três alunos encontrados na imagem. No entanto, a metáfora *COLORISMO É PALETA DE CORES* passa a ser fundamental na construção conceitual desse gênero, quando nos permite compreender que é pela cor de um dos alunos que passamos a ter a discriminação em sua construção. Não apenas pelo tom da pele, mas também pelo cabelo que o terceiro aluno diferencia-se dos outros dois. Assim, temos a representação de dois alunos com um tom de pele mais clara e tons de cabelos loiro, oferecendo à docente uma maçã (algo que era muito comum como forma de agradecer ao mestre pela sabedoria e pelo conhecimento transmitido), e um terceiro aluno, com o tom de pele mais escura, cabelo crespo, com uma fisionomia de desânimo, como se aquele não fosse o seu lugar, o seu espaço, oferecendo à professora uma bola de metal, estando esta presa em uma corrente em seus pés, o que nos remete ao trabalho escravo, pois esse objeto era utilizado, na época do escravismo, como forma de punição e para evitar fugas. Logo, a

metáfora *COLORISMO É PALETA DE CORES* nos permite compreender, por meio da charge em análise, que, para esse aluno negro, a sala de aula é vista ou como um castigo, ou como punição, permitindo-nos inferir que a educação é um privilégio apenas para pessoas brancas. Esse sentido vai ao encontro do conceito de colorismo, que perpassa nossa sociedade.

Imagem 2 – metáfora monomodal pictórica II



Fonte: Cyrino *apud* Mallet, 2016.

Na imagem 3, temos a metáfora multimodal *COLORISMO É PALETA DE CORES* construída pelos signos verbal e pictórico. Assim, há sobreposição de ambas as modalidades na construção dos seus domínios fonte e alvo. Fato a ser destacado em tal imagem é a forma pela qual a tonalidade de ambos os personagens representados atua na discriminação apresentada. No primeiro quadro, temos uma criança de pele clara, bem-vestida (com boas roupas e sapatos, com as cores de sua camisa representativas das cores de nosso País, presentes em nossa bandeira — verde e amarela), sendo repreendida por mal comportamento. No entanto, as colocações utilizadas são brandas. Ou seja, o máximo que acontecerá, caso ele venha a cometer o mesmo erro, será o aviso aos seus pais, já que se trata de uma criança. Porém, no segundo quadro, temos a representação de um outro indivíduo, mas com um tom de pele, que nos remete ao negro (com vestimentas totalmente diferentes: sem camisa, com uma bermuda remendada e de chinelo, o que nos permite pressupor tratar-se de um garoto com condições socioeconômicas inferiores ao apresentado no primeiro quadro). Com isso, a repreensão pelos seus atos é mais dura, sendo ele visto como ladrão, uma vez que há o pedido da redução da maioridade; e, diferentemente do anterior, em que havia a necessidade de avisar apenas aos pais, a polícia passa a ser vista como a responsável pela punição. Além disso, na primeira imagem, identificamos apenas um único braço (que, metonimicamente, representa uma pessoa, com a relação PARTE PELO TODO), apontando os erros do garoto. Já na segunda, cinco braços, o que nos leva a inferir que seria o consenso de toda a sociedade.

Imagem 3 – metáfora multimodal I



Fonte: Junião 2015 *apud* Sindicato dos Químicos ABC, 2019.

Na imagem 4, temos, novamente, a metáfora multimodal *COLORISMO É PALETA DE CORES* perpassando a construção de sentido pretendido da charge a ser analisada. Mais uma vez, tal metáfora possui ambos os domínios ativados e construídos pela sobreposição dos signos verbal e pictórico. Ao trazer para a construção desse gênero essa metáfora, passamos a observar, mais uma vez, o cunho discriminatório, que o termo colorismo, nosso domínio-alvo, possui apenas pela identificação da cor dos sujeitos apresentados. Nesse caso, temos a representação de uma família negra, em que percebemos o medo da esposa com relação ao seu marido pela possibilidade de ele sofrer algum tipo de ataque, por engano, pelo tom da cor da sua pele. Percebemos que, diferentemente da imagem 2, em que o negro é caracterizado (pelo signo pictórico, com as suas vestimentas) como possuindo uma condição econômica inferior, nessa imagem, os negros são vistos como tendo uma condição financeira melhor (o que inferimos, novamente, pelo signo pictórico), sendo este, talvez, o motivo para tal preocupação. Isto é, eles estão ocupando um "espaço", um "lugar", que, socialmente, "pertence" aos brancos.

Imagem 4 – metáfora multimodal II



Fonte: Junião, 2014.

Por fim, trazemos para nossa análise a charge apresentada na imagem 5. Nesta, novamente, a compreensão é feita por meio da metáfora *COLORISMO É PALETA DE CORES*, que é ativada, de forma multimodal, por meio dos signos verbal e pictórico, signos que se sobrepõem na ativação de seus domínios fonte e alvo. Dessa forma, tendo como base o contexto

escolar, há a representação de três alunos: dois, que estão assentados, de pele branca e cabelo loiro, e um em pé, com a pele mais morena e de cabelo raspado. Nessa imagem, o que nos chama a atenção é que a discriminação apresentada tem como base a escolha religiosa. Na chamada da charge, há a seguinte colocação: "[...] professores evangélicos discriminam alunos praticantes de candomblé" e, na imagem, há um aluno, acuado no canto da sala, com um cordão pendurado em seu pescoço, que, metonimicamente, nos faz ativar o domínio conceitual do candomblé. As perguntas que ficam são: por que o aluno de pele mais escura tem que estar associado ao candomblé? Por que não os alunos de pele branca e cabelos loiro? Mais uma vez, a metáfora *COLORISMO É PALETA DE CORES* nos possibilita responder a tais questionamentos, pois a discriminação, nesse caso, não apenas racial, mas também religiosa, é resultante do tom da pele desse aluno, dessa cultura que atribui benefícios a certos indivíduos simplesmente pelo seu tom de pele, fazendo com que a representação identitária do mesmo fique atrelada à pigmentação de sua pele.

Imagem 5 – metáfora multimodal III



Fonte: Ykeng, 2013.

6 Algumas considerações

Como pudemos perceber, o aspecto cromático na sociedade brasileira é um mecanismo ideológico complexo, que tem alimentado práticas excludentes. Por isso, como destaca van Leeuwen (2011), é importante que tenhamos abordagens que tomem como objeto de análise a maneira como a sociedade utiliza a cor com determinados propósitos expressivos e comunicativos, dando atenção à manipulação de pigmentações e escalas de cores, a fim de expressar sentimentos, comunicar ideias e promover a interação social. A cor, como recurso semiótico, pode ter um significado potencial teórico composto de seus usos anteriores e um significado potencial real ou imediato constituído por todos os usos anteriores ou atuais conhecidos, reconhecidos e

considerados relevantes. Esse é o caso do que gerou a classificação social por meio da cor da pele na sua relação com a raça, gerando, num primeiro momento, o racismo e, depois, o colorismo.

As cores estão dentro de um sistema, que articula o significado em si com as características materiais do significante. Aqui, como mais um recurso de análise sociocultural, a metáfora multimodal nos mostra como as experiências com o outro, em uma sociedade racista, demonstram questões mal resolvidas e preconceitos, alimentando a exclusão e a discriminação.

A metáfora *COLORISMO É PALETA DE CORES* demonstra problemas antigos e ideologias, que põem à prova a ideia do Brasil cordial e democrático, evidenciando um passado de negação do negro como importante membro construtor da sociedade. Acima de tudo, mostra uma história de marginalização originária na suposta abolição do escravismo, momento em que esse contingente humano foi destituído da possibilidade de ascensão social, trabalho digno, moradia, saneamento etc., debaixo de uma liberdade falaciosa.

Enfim, racismo e colorismo mostram uma faceta mórbida da sociedade, que fraqueja diante do que lhe faria ser, de fato, sociedade.

Declaração de autoria

O artigo foi produzido pelos autores conjuntamente na sua integralidade.

Referências

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1988.

BERNARDINO, J. Ação afirmativa e a rediscussão do mito da democracia racial no Brasil. *Estud. Afro-Asiát.*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 247-273, 2002.

BESSA, D.; SATO, D. T. B. Categorias de análise. *In*: BATISTA JÚNIOR, J. R.; MELO, I. F.; SATO, D. T. *Análise de discurso crítica*: para linguistas e não linguistas. São Paulo: Parábola, 2018. p. 124-157.

CARMO, C. M. Para uma abordagem multimodal do colorismo: multiletramento, negritude por conveniência e a tentativa de promoção da justiça social pelas cotas raciais. *In*: SILVA, R. C.; QUEIROZ, L. A. A. (org.). *Multimodalidade e discursos*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2021. p. 177-205.

CARMO, C. M. Systemic Functional Linguistics and Social Cognition: A Theoretical Approach to the Relationship Between Language, Society and Culture. *Russian Journal of Linguistics*, v. 30, n. 1, p. 33-54. 2026. Disponível em: https://doi.org/10.22363/2687-0088-48784. Acesso em: 20 maio 2026.

CARNEIRO, S. *Racismo, sexismo e desigualdades no Brasil*. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CHARTERIS-BLACK, J. *Corpus Approaches to Critical Metaphor Analysis*. London: Palgrave MacMillan, 2004.

CHARTERIS-BLACK, J. *Politicians and Rhetoric*: The Persuasive Power of Metaphor. Basingstoke: Palgrave MacMillan, 2005.

CROFT, W.; CRUSE, D. A. *Cognitive Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

DEVULSKY, A. *Colorismo*. São Paulo: Jandaíra, 2021.

EDGAR, A.; SEDGWICK, P. *Teoria cultural de A a Z*: conceitos-chave para entender o mundo contemporâneo. São Paulo: Contexto, 2003.

FAIRCLOUGH, N. *Language and power*. London: Longman, 1989.

FORCEVILLE, C. Metaphor in Pictures and Multimodal Representations. *In*: GIBBS, R. (ed.). *The Cambridge Handbook of Metaphor and thought*. Oxford: University Press, 2008. p. 462-482.

FORCEVILLE, C. Non-Verbal and Multimodal Metaphor in a Cognitivist Framework: Agendas for Research. *In:* FORCEVILLE, C.; URIOS-APARISI, E. (ed.). *Multimodal Metaphor*. Berlim: Mouton de Gruyter, 2009. p. 379-402.

FORCEVILLE, C. *Pictorial Metaphor in Advertising*. London: Routledge, 1996.

FRANCISCO, M. S. Discursos sobre colorismo: educação étnico-racial na contemporaneidade. *Ensaios Filosóficos*, v. 18, dez. p. 97-109. 2018.

FREYRE, G. *Casa-grande & senzala*: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. São Paulo: Global, 2006.

GEE, J. P. *An Introduction to Discourse Analysis*: Theory and Method. London: Routledge, 1999.

GEREMIAS, P. E eu, sou negra? Um teste de DNA ancestral e o debate sobre colorismo. *Marie Claire*, 7 abr. 2021. Disponível em: https://revistamarieclaire.globo.com/Comportamento/noticia/2021/04/eu-sou-ou-nao-negra-um-teste-de-dna-ancestral-e-o-debate-sobre-colorismo.html. Acesso em: 10 set. 2026.

HARRIS, T. Pigmentocracy. *Freedom's Story, Teacher Serve©. National Humanities Center*, p. 1-8, 2021. Disponível em: https://eaop.ucsd.edu/198/pigmentocracy/Pigmentocracy%20-%20Freedom%20s%20story.pdf. Acesso em: 20 out. 2021.

HASENBALG, C. *Discriminação e desigualdades raciais no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

HODGE, B.; KRESS, G.; JONES, G. The ideology of middle management. *In*: FOWLER, R. *et al*. *Language and Control*. London: Routledge: Kegan Paul, 1979. p. 81-93.

HODGE, R.; KRESS, G. *Social Semiotics*. [*S. l.*]: Polity Press, 1988.

JOHNSON, M. *Embodied Mind, Meaning, and Reason*: How Our Bodies Give Rise to Understanding. Chicago: The University of Chicago Press, 2017.

KHALIFAH, L.; ZIBIN, A.; ALTAKHAINEH, A. R. M. More Than Just a Taste: Exploring Food Metaphor in Jordanian Arabic. *Russian Journal of Linguistics*, v. 30, n. 1, p. 145-170, 2026. Disponível em https://doi.org/10.22363/2687-0088-44746. Acesso em: 20 maio 2026.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. *Multimodal Discourse*: The Modes and Media of Contemporary Communication. London: Hodder Arnold, 2001.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. *Reading Images*: The Grammar of Visual Design. London and New York: Routledge, 2006.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors We Live By*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Philosophy in the Flesh*: The Embodied Mind and Its Challenge to Western Thought. New York: Basic Books, 1999.

MACHIN, D.; MAYR, A. *How to do Critical Discourse Analysis*. London: Sage Publications, 2012.

MALLET, Mariana. Racismo nas escolas particulares: é preciso educar. *Jornalismo Júnior*, 15 jul. 2016. Disponível em: http://jornalismojunior.com.br/racismo-nas-escolas-particulares-e-preciso-educar. Acesso em: 10 set. 2026.

MUNANGA, K. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil*: identidade nacional *versus* identidade negra. Petrópolis: Vozes, 1999.

OYĚWÙMÍ, O. Visualizando o corpo: teorias ocidentais e sujeitos africanos. *In*: OYĚWÙMÍ, O. (org.). *Estudos africanos de gênero*. São Paulo: WMF Martins Fontes: Itaú Cultural/Fundação Tide Setubal, 2025. p. 27-53.

POPPER, K. *Lógica das ciências sociais*. Rio de Janeiro: Templo Brasileiro, 2004.

RODERICK, I. *Critical Discourse Studies and Technology*: A Multimodal Aapproach to Analyzing Technoculture. London: Bloomsbury, 2016.

SILVA, T. M. G. S. O colorismo e suas bases históricas discriminatórias. *Revista Direito UNIFACS*, n. 201, p. 1-19, 2017.

SINDICATO DOS QUÍMICOS DO ABC. Fetquim promove curso de capacitação em Políticas Antirraciais e Luta de Classes. *Sindicato dos Químicos ABC*, Santo André, 20 maio 2019. Disponível em: http://www.quimicosabc.org.br/noticias/fetquim-promove-curso-de-capacitacao-em-politicas-antirraciais-e-luta-de-classes-2933/. Acesso em: 10 set. 2026.

SPERANDIO, N. E. A atuação das metáforas multimodais na criação da categoria *fake news*: uma proposta de análise. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 28, p. 777-799, 2020.

SPERANDIO, N. E. O caráter persuasivo da multimodalidade: uma análise conceitual e persuasiva das metáforas multimodais na construção de charges sobre a reforma da previdência. *Porto das Letras*, v. 5, p. 7-19. 2019.

VAN LEEUWEN, T. *The Language of Colour*. New York: Routledge, 2011.

WALKER, A. If the Present Looks Like the Past, What Does the Future Look Like? *In*: WALKER, A. *In Search of Our Mothers' Gardens*: Womanist Prose. New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1983. p. 290-312.

YKENGA. Discriminação nas escolas. *Blog do Ykenga*, 24 mar. 2013. *Weblog*. Disponível em: https://blogdoykenga.blogspot.com/2013/03/discriminacao-nas-escolas.html. Acesso em: 11 set. 2026.